

Haydu, Verônica Bender. E, quando a paixão não dá certo? **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1191, p. 3, out. 2005.

### **E, quando a paixão não dá certo?**

Mauro e Maria, os personagens fictícios de meus artigos, conheceram-se no ônibus, na saída do trabalho. No segundo encontro, surgiu a oportunidade para eles se conhecerem e, naquele dia, Mauro apresentou-se vulnerável, contando para Maria que havia sido repreendido pelo seu chefe. Maria foi cordial e apoiou-o, e este fato fez com que Mauro ficasse ainda mais interessado e se sentisse atraído. No dia seguinte, ele esperou por ela no ponto de ônibus e quando ela finalmente chegou, o coração de Mauro disparou. Ele ficou com medo que ela percebesse sua emoção e falou bem pouco, mas não perdeu a oportunidade de pedir a ela o número de seu telefone e o seu endereço eletrônico. Eles passaram a trocar correspondência, a voltar junto do trabalho todos os dias e a se encontrar nos fins de semana. Eles conversavam muito. Na verdade, Mauro falava a maior parte do tempo. Ele já havia contado a ela toda a sua vida, expondo suas fraquezas, suas dúvidas, suas alegrias, suas tristezas e suas frustrações. Mauro sentia-se completamente envolvido, ele estava realmente apaixonado. Como numa verdadeira história de amor. Maria estava sempre sorridente e também parecia muito feliz.

Um belo dia, Maria ligou para Mauro e disse que queria vê-lo. Quando eles se encontram, Maria estava diferente e foi logo dizendo:

— Eu gostei muito desse tempo que estivemos juntos, mas devo dizer que este é o nosso último encontro. A brincadeira foi boa, mas acabou. Espero que você entenda e aceite o fato de que eu não quero mais te ver.

Mauro ficou sem fala. Não conseguiu sequer perguntar por quê? Ele não conseguia entender, como ela podia considerar que tudo não havia passado de uma brincadeira? Como alguém pode brincar com um sentimento tão sério assim?

Entretanto, caro leitor, existem, de fato, pessoas que consideram o amor uma brincadeira. Na verdade, são pessoas que não sabem o que é o amor. Elas se envolvem com outras pessoas apenas por diversão. Elas sentem satisfação com a conquista, tal como o clássico personagem da literatura - Don Juan. Este tipo de comportamento é, no entanto, diferente do “ficar” que os adolescentes de hoje

praticam. O “ficar” é um processo de interação, que tem sua própria dinâmica e reflete uma maneira própria de pensar do adolescente e do jovem de hoje.

Voltando ao caso de Mauro e Maria, devo esclarecer que este é apenas um exemplo de uma situação em que uma pessoa apaixonada pode ter uma terrível decepção. Há casos bem piores. Por exemplo, ele ou ela poderia descobrir, depois de anos de relacionamento, que o outro é casado ou é viciado, ou é traficante de drogas, etc. E depois de um longo tempo junto, você não só fica muito decepcionado(a), como, também, já não sabe mais viver sem ele ou ela.

Situações desse tipo podem também acontecer com as pessoas casadas. O seu marido ou a sua esposa pode envolver-se com outra pessoa e, de repente, resolver deixar você. Tanto homens como mulheres sofrem demais com essa situação. É como se tivessem lhes tirado a sua vida. Têm a impressão de que não vão conseguir continuar vivendo. Não vêem nenhuma saída. Pensam em tentar reconquistá-lo(a), mas não encontram forças. Além disso, o ficar magoado(a) e com raiva pode impedi-los de analisar a situação com tranqüilidade. De forma geral, nessas situações, a pessoa se isola e se refugia, afastando-se de tudo e de todos. Este é um caminho rápido para a depressão.

Vocês leitores devem estar se perguntando: o que fazer então?

Eu não tenho uma receita infalível, mas farei uma sugestão do que se pode fazer para reduzir um pouco o sofrimento e ajudar a encontrar uma saída. E esta sugestão vale para os dois tipos de casos: para a pessoa casada cujo companheiro(a) se apaixonou por outro e para o solteiro(a) que está loucamente apaixonado(a) e que foi alvo de alguém inconseqüente e insensível. A sugestão é a mesma que já fiz no artigo “Você é tudo para mim”: não deixe que a pessoa por quem você está apaixonado(a) seja a única pessoa importante na sua vida, a sua única fonte de apoio e satisfação. Se você se afastar de seus amigos e de seus parentes por causa de uma pessoa, corre o risco de não ter mais ninguém quando ele(a) decidir romper com você.

Um outro risco que corremos quando deixamos que ele ou ela “se torne tudo para nós” é que passamos a não dar ouvidos aos nossos amigos e parentes, quando estes nos alertam sobre a possibilidade de estarmos sendo enganados. Pior, às vezes percebemos que algo está errado, mas não queremos acreditar e o que os outros dizem não importa, pois não damos mais valor a eles. Acreditamos muito mais na pessoa que amamos, do que em nossos amigos e parentes, porque eles passaram a ser estranhos para nós. Não temos mais intimidade com eles e, por isso, perdemos a confiança neles.

Apaixonar-se é maravilhoso e não devemos passar pela vida sem ter vivenciado algo tão incrível. No entanto, não fique “nas nuvens” o tempo todo. Volte para baixo, pise no chão e não restrinja o seu círculo social a uma única pessoa. Isto é uma armadilha da qual você pode não conseguir sair.

Você pode acessar os textos anteriores da minha coluna, no meu *site* pessoal: [www.uel.br/pessoal/haydu](http://www.uel.br/pessoal/haydu).

Verônica Bender Haydu  
Professora da Universidade Estadual de Londrina  
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo